

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

Absenteísmo nas aulas de educação física escolar: análise da participação feminina

Sara Conceição de Aguiar¹; [0000-0002-5391-918X](tel:0000-0002-5391-918X)
Ivanete da Rosa Silva de Oliveira; [0000-0003-3368-718X](tel:0000-0003-3368-718X)

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

aguiarsara7@gmail.com

Resumo: O objetivo desse estudo consiste em analisar os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de Educação Física escolar. Para tal, pretende-se: compreender as implicações dos princípios e valores que estão intrínsecos e interferem na participação feminina; propor estratégias como forma de promover a participação feminina nas aulas de Educação Física. Essa pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, do tipo revisão integrativa, nas bases de dados SciELO e LILACS, de fontes publicadas entre 2011 a 2020. Dentre os principais resultados, verificou-se que os docentes devem utilizar a coeducação como proposta pedagógica para desmitificar o machismo, visando a participação ativa nas aulas de Educação Física de meninos e meninas, sem fazer distinção de gênero nas atividades propostas.

Palavras-chave: Educação física. Gênero. Prática docente.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

INTRODUÇÃO

As mulheres do século XIX, devido ao machismo que limitava a participação feminina efetiva na sociedade, eram impedidas de acesso à escolaridade, de ocupar cargos públicos, atendo-as dentro de casas (TELLES, 2004). Enquanto nos espaços públicos ocorria a predominância masculina, à mulher era atribuída a função de cuidar dos filhos e de dona de casa. Com o Decreto de 1932, a mulher conquistou o direito ao voto e foi ganhando mais espaço na sociedade. No entanto, atualmente as mulheres ainda têm restrições aos seus direitos. Scott (1989, p.10) explica que “[...] as teorias do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade” de o macho dominar as mulheres”. Esse movimento provoca desafios que ainda estão longe de serem superados.

A escola, reflexo da sociedade, reproduz a restrição da inserção feminina no espaço coletivo. É comum, no horário do recreio observar os meninos correndo e ocupando espaços amplos, enquanto as meninas se agrupam, sentadas ou fazendo atividades que requerem pouco movimento (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018). Nas aulas de Educação Física (EF), também se observa o absenteísmo feminino. Entende-se a relevância de compreender o porquê da ausência feminina e os fatores que contribuem para esse distanciamento efetivo das aulas. Considera-se também pertinente, promover a inserção feminina nas aulas de EF e a desconstrução de estereótipos articulados a uma concepção machista. Entende-se os professores como corresponsáveis pelo incentivo das estudantes por meio de propostas que desestabilizam o Pensamento Conservador em EF e se articulam, didaticamente, ao Pensamento Renovador Crítico.

Diante desse cenário, delinea-se como questão norteadora: Quais os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de EF escolar? Nessa mesma esteira, delimitou-se como principal objetivo dessa revisão integrativa, de abordagem qualitativa, analisar os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de EF escolar. Para tal, pretende-se: compreender as implicações de princípios e valores que estão intrínsecos e que interferem na participação feminina nas aulas de EF escolar; propor estratégias para promover a participação feminina nas aulas de EF.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

Entende-se gênero como concepção complexa de identidade, dinâmica, multifatorial, pois envolve múltiplas variáveis culturais, sociais e individuais. Nesse estudo, a categoria de gênero foi discutida sob a ótica teórico-metodológica de Altmann (ALTMANN *et al.*, 2018; ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; SOUSA; ALTMANN, 1999), Louro (1997) e Scott (1989). Assim, as construções de gênero não se opõem, feminino não é o oposto nem o complemento do masculino. É uma categoria relacional que leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência, e se relaciona com outras categorias: idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras *etc.*

APORTE TEÓRICO

Os princípios dialéticos do materialismo histórico são determinantes para o surgimento, a partir de 1990, de teorias da EF que articulam a historicidade à prática corporal como cultura do movimento. De forma crítica, significam o subjetivo dos diferentes estudantes que assumem uma posição ativa e política mediante a sua própria aprendizagem. Categorias como raça, etnia e gênero contribuem para a problematização de conflitos sociais e buscam superar discriminações e promover a inclusão social (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010). A cultura eurocêntrica - branca, masculina e heterossexual – que representa o poder sociopolítico, pode ser desestabilizada com propostas docentes que defendem ideias de tolerância e respeito ao próximo.

[...] há uma reivindicação frequente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados tão ou mais importantes do que fatos e conceitos. [...] utilizar conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas; [...] e não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou qualquer outro tipo de característica individual (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010, p.922).

É urgente a superação de um modelo de intervenção docente acrítica e apolítica que reforça preconceitos e o poder do masculino sobre o feminino, que não questiona valores sociopolíticos que estão historicamente enraizados e que influenciam o absenteísmo feminino nas aulas de EF. Entende-se o professor de EF como um agente que produz e também é produzido, portanto, não pode ser permissivo em relação às questões de poder que nutrem ideologias sexistas e discriminatórias. As

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

aulas de EF escolar podem e devem ser lócus de conflito, principalmente, fomentando debates e discussões que levem ao diálogo como ação política de consciência da inserção social feminina. Louro (1997) destaca propostas que buscam integrar o universo feminino ao conjunto social e que propõem a subversão dos paradigmas teóricos masculinos. Na escola ainda há atitudes que reforçam o machismo, como conteúdo de EF articulados às modalidades esportivas que são vistas como apropriadas e favorecem o masculino.

Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol (SOUSA; ALTMANN, 1999, p.57-58).

As aulas de EF são espaços para a quebra de tabus de exclusividades de gênero. O termo exclusivo é significado pelo reforço a preconceitos e exclusão. Ao desmistificar o machismo o docente contribui para minimizar desconfortos e permite que as estudantes se aproximem e convivam com situações que poderão se reproduzir na sociedade; assume a responsabilidade pedagógica de contribuir para a quebra do sexismo e romper com padrões que limitam as meninas; possibilita a participação equitativa; fomenta atitudes de respeito ao sexo oposto; empodera as estudantes em relação à inserção na aula de EF, na escola, se for de sua vontade, no meio esportivo, e também na sociedade. Os docentes devem elaborar suas aulas tendo como princípio a coeducação que é entendida como práticas conjuntas entre meninas e meninos que colaboram na interpretação das atividades físicas e do esporte numa visão relacional de gênero, combatendo o sexismo, promovido, muitas vezes, por meio de discursos implícitos,

[...] ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de co-educação, a Educação Física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 72).

Quando os professores propõem trabalhar com turmas mistas, muitas meninas deixam de participar e se excluem, imprimindo um processo de separação entre ambos os sexos. Percebe-se que essa atitude docente reforça a determinação sexista do esporte.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

A coeducação como estratégia pedagógica ressignifica as aulas de EF, unindo os sexos, buscando a emancipação dos estudantes (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018).

MÉTODOS

A revisão integrativa, de caráter qualitativo, permitiu estabelecer inferências para a construção de categorias de análise, a partir de uma organização teórica que investiga argumentos genuínos (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Foram utilizadas publicações em português na íntegra, com recorte temporal de 2011 a 2020, disponibilizadas na SciELO e LILACS, com descritores isolados ou associados: gênero, construção social, identidade, Educação Física, educação, prática docente. Inicialmente, os 129 artigos encontrados foram reduzidos para 32 após a leitura do resumo. Desses, nove que atenderam plenamente os critérios alinhados aos objetivos do estudo, foram submetidos a um roteiro semiestruturado, contendo: identificação do autor, ano de publicação, população pesquisada, objetivo, intervenção pedagógica, resultados encontrados. Assim, foram elaboradas categorias por temas: (1) Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino. (2) Predominância do masculino. (3) Formação/intervenção do professor de EF. A análise dos dados possibilitou a aproximação/apropriação da problemática, permitindo compreender a produção e a interpretação da literatura da área, bem como, identificar evidências de ações que foram utilizadas frente a uma determinada temática (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na categoria “Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino” percebe-se que os meninos participam com mais assiduidade das atividades propostas pelos docentes de EF. Meninos ao serem questionados sobre a frequência que praticavam exercícios físicos fora da escola, declararam realizar de forma regular e as meninas com uma frequência mais baixa, evidenciando como a sociedade, por meio da mídia, destaca eventos masculinos como futebol, que, inclusive, reforçam que a baixa participação feminina é devido à falta de apoio social de pessoas de um círculo de relacionamento mais estreito, como familiares, amigos e, até mesmo, docentes. A

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

redução do espaço para o feminino impacta em aspectos como o prazer e o interesse pela prática e menor aptidão para desenvolver exercícios físicos (ALTMANN *et al.*, 2018). Futuras professoras de EF respondem sobre o que as levaram a escolher a carreira docente:

[...] os meninos eram mais inteligentes, mas não tinham jeito para o magistério, e que as meninas eram esforçadas e já nasceram com o instinto materno, e isso dava condições para que elas tivessem vocação para a carreira docente (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020, p.3).

Licenciandas de EF relatam que uma escola disponibilizava duas caixas no pátio: azul para os meninos - com bonecos de heróis, carrinhos e ferramentas – associava o heroísmo, movimentação e atividade; rosa – com bonecas e utensílios de cozinha - ressaltava a delicadeza e passividade (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020). Brincadeiras, jogos e atividades lúdicas ainda são caracterizados por sexo, os femininos são dotados de sensibilidade e delicadeza, relacionam-se a movimentos sem muito contato (dança, ginástica etc.). Já o masculino, visto com mais seriedade, demanda agilidade, força etc. Essa dicotomia sexista reforça preconceitos e estereótipos que designam arbitrariamente o que cada gênero deve fazer (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018).

A diferenciação entre meninos e meninas nas aulas de EF, geralmente, articulada às posturas docentes ao trabalhar determinados conteúdos, reforçam a confiança dos meninos, devido as capacidades e habilidades corporais, provocam à motivação para dar continuidade no futuro às práticas desportivas, assim os meninos expressam maior confiança que irão praticar atividade física e as meninas situaram somente como provável (ALTMANN *et al.*, 2018). O absentéismo feminino nas aulas de EF é uma forte influência social construída e enraizada historicamente (MATOS *et al.*, 2016). Para minimizar ações sexistas, docentes de EF devem propor atividades que possibilitem a prática dos sexos por igual. A naturalização que o menino possui mais aptidão física interfere, inclusive, nas relações das próprias meninas, pois quando em aulas mistas, uma delas se destaca e demonstra ter mais habilidade, o grupo masculino não a excluí. Esse tipo de atitude interfere na cristalização de preconceitos da própria menina mais habilidosa, que passa a querer jogar somente com os meninos, masculinizando-se, por ser mais forte e apta (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). O modo sexista utilizado

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

nas aulas de EF consagrado historicamente precisa ser de maneira coeducativa para possibilitar a discussão de questões de gênero e a superação dos preconceitos (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018; ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; SOUSA; ALTMANN, 1999). Entretanto, como afirmam Oliveira e Azevedo (2018, p.4),

Na atualidade é possível observar resistências em muitas escolas, sobre trabalhar com turmas mistas. Quando não separadas de forma sexista, turmas femininas e masculinas, há a separação de atividades dentro da aula ou os próprios estudantes se excluem das atividades físicas, alegando questões de diferenciais de força, déficit de habilidade motora e, algumas vezes, idade.

A categoria “Cultura do movimento como mais apropriada ao masculino”, pode ser traduzida por Darido e Souza (2003 *apud* VASCONCELOS; FERREIRA, 2020, p.5): “O corpo feminino tem uma construção cultural diferente da construção do corpo masculino”.

A segunda categoria “Predominância do masculino” destaca que apesar do futebol despertar mais motivação para a participação masculina fora dos muros da escola, as meninas também se sentem atraídas por esta prática. Altmann *et al.*, (2018) constatou que somente 14,4% das meninas dizem praticar futebol como atividade extracurricular, enquanto 85,6% dos meninos afirmam a mesma coisa. Percebe-se a falta de motivação das meninas porque não encontram apoio social para impor seus desejos e preferências. A luta também é projetada socialmente como predominantemente masculina, segregando e dificultando a participação das meninas (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018). Portanto, é visível a frequência masculina como mais regular do que a feminina, fortalecendo estereótipos que situam o esporte como uma experiência corporal mais intensa e significativa para os meninos, fazendo, as meninas se sentirem menos competentes e com menor percepção de prazer para as práticas esportivas (ALTMANN *et al.*, 2018). Pode-se inferir que quando o professor naturaliza a maior participação e desempenho masculino nas aulas de EF e não constroem estratégias para desarticular essa naturalização, se coloca como agente permissivo do absenteísmo feminino.

A categoria de análise “Formação/intervenção do professor de EF” chama atenção em relação a atitude docente que deve: enfatizar situações conflituosas que não

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

diferenciam o desempenho entre sexos (ALTMANN *et al.*, 2018); ter cuidado para não reforçar a superioridade masculina (MATOS *et al.*, 2016); adotar distintas metodologias para ofertar a educação corpórea de meninos e meninas, que auxilia a compreender os efeitos sobre as habilidades e os envolvimento nas práticas corporais e, conseqüentemente, o absenteísmo ou a participação nas aulas de EF (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). As discussões sobre gênero e sexualidade ainda são silenciadas na formação docente (PARAÍSO, 1997 *apud* VASCONCELOS; FERREIRA, 2020). O interesse pela prática desenvolvida nas aulas de EF faz mais diferença do que os aspectos físicos que estão atrelados à determinada modalidade, pois a motivação justifica a potencialização do envolvimento de meninos e meninas nas aulas (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). Um dos fatores que fortalece as diferenças entre sexos, é o trato pedagógico docente ao conteúdo e alertam que ao implantar uma proposta coeducativa, apesar da possibilidade da resistência inicial de meninos e meninas, após serem desenvolvidas atividades de desinibição, ocorre uma maior socialização, que possibilita a desmistificação do conceito de superioridade masculina (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018). Práticas como filas divididas por sexo devem ser evitadas, pois estão na contramão de ações e reflexões que promovem incentivos sobre discussões relativas a gênero e sexualidade, que visam a promoção da equidade (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020).

O docente de EF quando valoriza e perpetua aulas sexistas, ou ainda com atividades esportivas separadas por gênero, expropria a oportunidade de aprender com as diferenças, impedindo a superação de estereótipos socioculturais. Em contraposição, deve propor práticas pedagógicas que promovam e potencializem a transformação do espaço escolar como *lócus* de equidade e cidadania, incluindo meninos e meninas em situações de aprendizagem que, além de discutir os conhecimentos com sentido e significado, trabalha com valores sociais (OLIVEIRA; AZEVEDO, 2018).

Os resultados, após análise das três categorias, mostraram que nas aulas de EF, muitas vezes, de forma inconsciente, o docente adota práticas que produzem um maior afastamento das meninas, como quando utiliza princípios sociopolíticos que promovem diferenciação por sexo nas atividades. Em contrapartida, o docente pode utilizar

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

estratégias que minimizam os índices de absenteísmo nas aulas de EF, tais como: apropriação consciente de matrizes teóricas dos currículos de EF articuladas às práxis docente que problematizem as disparidades socioculturais e políticas de gênero; promoção de práticas corpóreas atrativas para ambos os sexos que fomente a participação equitativa; criação de espaços de discussão sobre a identidade de gênero por meio da proposta pedagógica coeducativa, como estratégia de superação de preconceitos, desarticulação da naturalização de maior participação e desempenho masculino nas aulas de EF; adoção de atitudes que descure práticas de permissividade frente ao absenteísmo nas aulas de EF.

CONCLUSÕES

Os fatores que interferem na participação feminina nas aulas de EF são produtos da exclusão e discriminação, sendo a predominância do masculino reforçada em virtude dos processos produtivos associados à manutenção do capitalismo. Entende-se que o que é vivenciado no espaço micro escolar decorre do macrossocial e vice-versa, que, em síntese, retrata a luta feminina pela legitimação /legalização equitativa dos seus direitos. No caso da EF escolar, constatou-se que atitudes docentes associadas às matrizes teóricas conservadoras contribuem para gerar desconforto para o feminino, causando a exclusão das estudantes, limitando suas experiências de convívio e aprendizado. As matrizes críticas, propõem a discussão e o combate ao machismo exacerbado, produzem espaços no qual a mulher é ativa, quebrando tabus que limitam a participação feminina e atrapalham o desenvolvimento da sociedade. Conclui-se que a proposta coeducativa promove a inclusão feminina nas aulas de EF e favorece a participação de ambos os sexos, pois fornece subsídios para discutir sobre a desmistificação de preconceitos e desarticula a naturalização de maior participação e desempenho masculino nas aulas de EF. Por isso, o docente é o principal mediador pela materialização de estratégias que ampliem valores associados à equidade entre os sexos, que rompam com atitudes sexistas e estereotipadas, que descurem de práticas de permissividade frente ao absenteísmo nas aulas de EF.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. *et al*. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e44074, 2018. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100702&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 09/10/2020.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S.C.F. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491- 501, ago. 2011. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 15 /10/. 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATOS, N.R.; BRASILEIRO, G.S.; ROCHA, R.T.; CAVALCANTE NETO, J.L. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, [S.L.], v. 28, n. 47, p. 261-277, 25 maio 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

OLIVEIRA, I.R.S.; AZEVEDO, L.A. Diferenças de gênero na educação física escolar: linguagem corporal esportiva. **Anais VII ENALIC...** Campina Grande: Realize, Editora, 2018. Disponível: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/52051>. Acesso: 18/08/2020.

SCOTT, J. **Gênero uma categoria útil para a análise histórica**. Nova Iorque. Columbia University Press. 1989.

SOUSA, E.S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999 Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621999000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 03/10/2020.

SOUZA JÚNIOR, O.M.; DARIDO, S.C. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: rev. educ. fis. (Online), Rio Claro**, v. 16, n. 4, p. 920-930, Dec. 2010. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000400012&lng=en&nrm=iso. Acesso: 14/10/2020.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 336-370.

VASCONCELOS, C.M.T.; FERREIRA, L.A. A formação de futur@s professor@s de educação



Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 36,e209700,2020.Disponível:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100207&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 15 out. 2020.